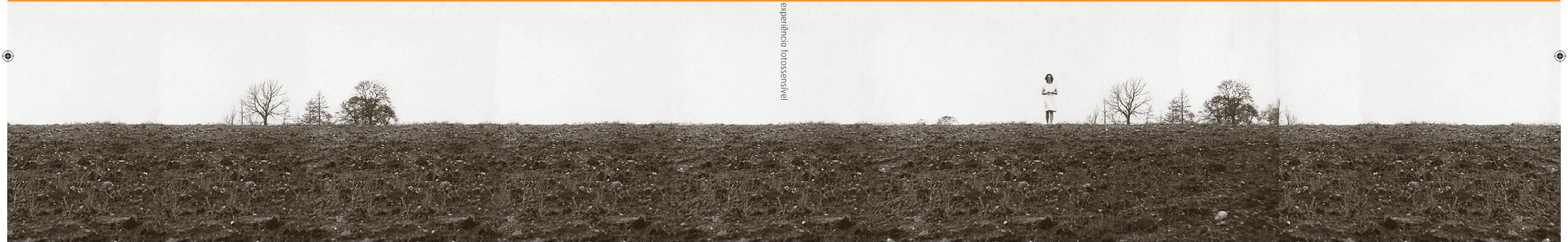


REGINA ALVAREZ
experiência fotossensível

REGINA ALVAREZ

experiência fotossensível



patrocínio:



SECRETARIA DE CULTURA

SOMANDO FORÇAS

apoio institucional:



AMEAV

apoio:

funarte



realização:



Curadoria, concepção geral e pesquisa

Denise Cathilina

Elaboração do projeto e coordenação de produção

Janaina Garcia • Projeto Subsolo

Produção executiva

Ana Angélica Costa • Projeto Subsolo

Consultoria de pesquisa

Rute Gusmão

Consultoria de conservação dos originais fotográficos

**Sandra Baruki • Centro de Conservação
e Preservação Fotográfica da Funarte**

Conservação de fotografias

Clara Mosciaro e Maria Julia Faissal

Montagem das fotografias

Cassio Murilo Consoli

Assistência

**Allana Amorim, Fabian Alvarez,
Josy Manhães e Tai Xerez**

Design da exposição

Denise Cathilina

Registro fotográfico da exposição

Roberta Macedo • Projeto Subsolo

Projeto gráfico

Amapola Rios • Liquezen

Revisão

Valeska de Aguirre

Realização

Projeto Subsolo

Agradecimentos

**Claudia Saldanha, Izabela Pucu, Clarisse Rivera,
Bernardo Marques, Tania Queiroz, toda a equipe da EAV,
Fabian Alvarez, Isaac Castro Alvarez, Paula Trope,
Dirceu Maués, Elisa de Magalhães, Tatiana Altberg,
Fatima Portilho, Martha Pires Ferreira, Milton Guran
e todos os amigos da Regina que participaram direta
ou indiretamente deste projeto.**

**Projeto contemplado pelo Edital de Artes Visuais da
Secretaria de Estado de Cultura em 2010.**

REGINA ALVAREZ
experiência fotossensível

patrocínio:



SECRETARIA
DE CULTURA

apoio institucional:



AMEAV

SECRETARIA ESTADUAL DE CULTURA
FUNARTE



realização:



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador

Sérgio Cabral

Vice-Governador

Luiz Fernando Pezão

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Secretária de Estado

Adriana Rattes

Subsecretária de Relações Institucionais

Olga Campista

Subsecretário Executivo

Luiz Zugliani

Subsecretária de Ação Cultural

Beatriz Caiado

Superintendente de Artes

Eva Doris Rosental

ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

Diretora

Claudia Saldanha

Coordenador Administrativo

Herbert Hasselmann

Coordenadora de Ensino

Tania Queiroz

Coordenadora de Projetos

Izabela Pucu

Assistentes de Administração

Maria Carmen Lomar e Sergio Couto

Assistentes de Ensino

Cristina de Pádula e Lucas Leuzinger

Assistente de Projetos

Clarisse Rivera

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS – AMEAV

Presidente

Paulo Albert Weyland Vieira

1º Vice-Presidente

Márcio Botner

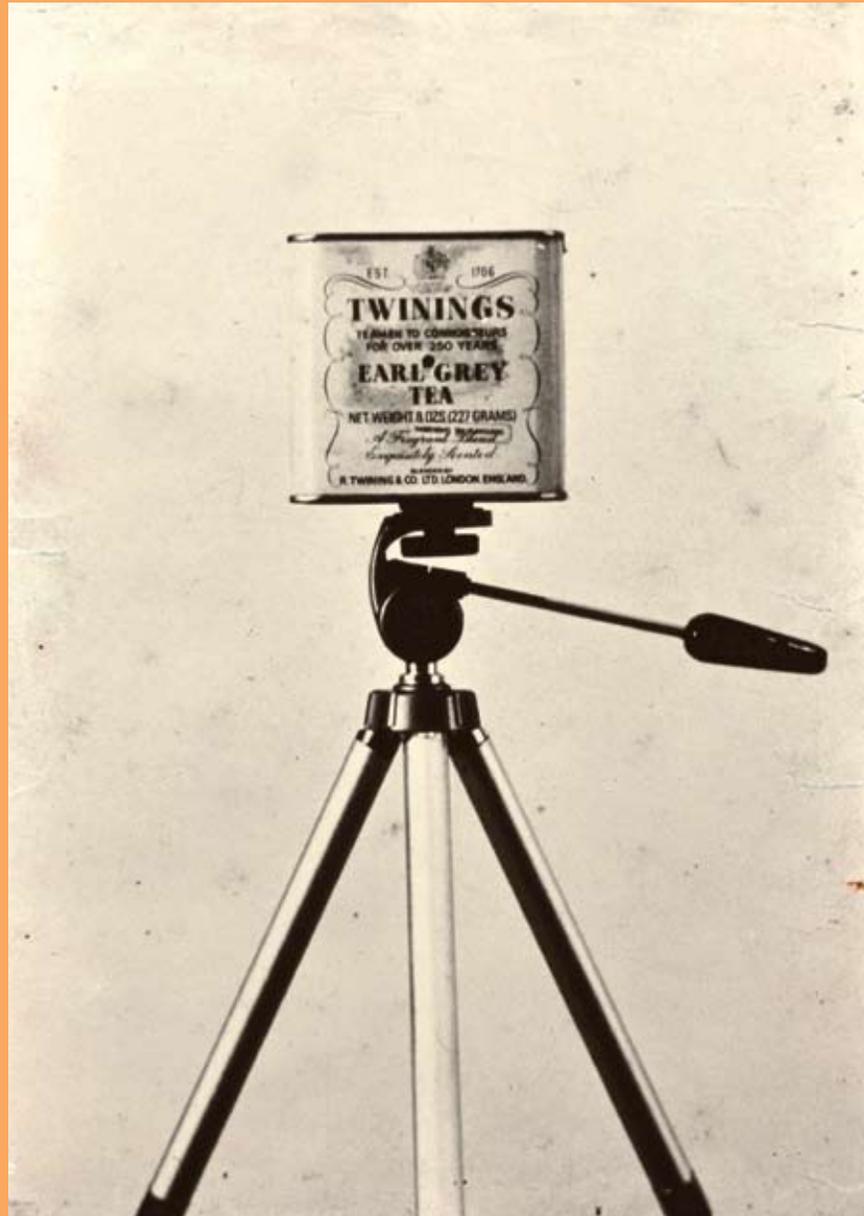
2º Vice-Presidente

Guilherme Gonçalves

Conselheiros

Ernesto Neto e Fábio Szwarcwald

REGINA ALVAREZ
experiência fotossensível



O PROJETO SUBSOLO, REGINA ALVAREZ E A EXPERIÊNCIA FOTOSSENSÍVEL

Conhecemos Regina Alvarez em 2001. Já bastante debilitada pela doença, ela nos recebeu generosamente em sua casa. Mostrou-nos muitas das suas imagens, mas pouco conseguimos avançar no conhecimento da técnica de produção de imagens fotográficas denominada pinhole. A possibilidade de capturar e fixar a projeção de uma ou mais imagens através de dispositivos tão simples quanto caixas de papelão e latas, e obter como resultado a fotografia em seu princípio mais básico, o da impressão da luz sobre determinada superfície fotossensível, nos fascinava. E foi Regina quem primeiro publicou e divulgou a técnica no país, incluindo oficinas em várias partes do território nacional nos anos 1980.

O encontro foi promovido pela amiga que nos alugava um pequeno apartamento localizado no subsolo, em Santa Teresa, Rio de Janeiro; daí o nome Projeto Subsolo. Constituído por Ana Angélica Costa, Janaina Garcia e Roberta Macedo, o núcleo hoje é uma empresa de produção cultural com foco na produção artística contemporânea. Nos conhecemos em um curso de fotografia experimental ministrado por Denise Cathilina, ex-aluna de Regina e hoje curadora desta exposição.

O presente catálogo é parte do projeto de exposição *Regina Alvarez: experiência fotossensível*, que tem como missão resgatar a memória e tornar pública a arte, o ensino e os questionamentos em torno da produção da imagem fotográfica trazidos à tona com pioneirismo pela artista visual, pesquisadora e educadora Regina Alvarez, a partir do final da década de 1970 no Brasil. A artista acreditou ser possível – através do ensino de técnicas fotográficas de baixo custo – tornar popular o pensamento acerca das questões conceituais de formação da imagem, assim como suas relações com a produção técnica da própria imagem.

Após intenso trabalho de pesquisa, recuperação, limpeza, arquivamento e montagem de fotografias guardadas há quase uma década, demos corpo à exposição da qual deriva este catálogo. Trata-se de uma pequena amostra da obra que Regina nos legou. Ainda há muito a explorar.

Ana Angélica Costa e Janaina Garcia

REGINA ALVAREZ: EXPERIÊNCIA FOTOSSENSÍVEL

“A fotografia, na verdade incapaz de explicar o que quer que seja, é um convite inexaurível à dedução, à especulação e à fantasia.”

Susan Sontag

Regina Alvarez nasce em 1948, na cidade do Rio de Janeiro, e desde muito cedo manifesta interesse pela fotografia. Em 1969, ganha o Prêmio Kodak de Fotografia e, nos anos 70, ingressa na Escola Nacional de Belas Artes, iniciando suas atividades como arte-educadora na Escolinha de Artes do Brasil. Ali começa a desenvolver pesquisas sobre tecnologia e ensino de arte, detectando a importância da inclusão visual na então emergente sociedade tecnológica. Regina opera na prática o que o filósofo Vilém Flusser escreve uma década mais tarde: a questão de como a imagem fotográfica nos coloca na pós-história, na era da escrita visual, da comunicação com imagens e, por isso, a importância de se imprimir experimentalismo nas relações com o aparelho e na criação de novas formas de conviver com os dispositivos e seus programas.

No ambiente da Escolinha de Artes do Brasil, inicia sua elaborada pesquisa sobre arte e tecnologia com a aparelhagem disponível da época: gravador de som e máquina fotográfica. Interferindo na película do filme, desenhando em sua superfície, descolorindo, queimando ou criando transparências a serem projetadas a partir de embalagens de papel celofane, realizou junto a seus alunos, crianças de 8 a 12 anos, uma série de audiovisuais, na qual o ponto de partida são os sonhos narrados pelas crianças.

Já neste início de trajetória são notórios alguns aspectos que irão atravessar toda a sua obra: a profunda ligação da artista com a arte e a educação; o uso da tecnologia de uma forma desmistificadora e construída; seu interesse político, antevendo as profundas modificações que as novas tecnologias imprimiriam à nossa sociedade e à nossa forma de atuar e perceber o mundo. Com uma bolsa do Conselho Britânico, Regina Alvarez parte para o Reino Unido a fim de estudar na Cardiff College of Art e, posteriormente, na Birmingham School of Art Education and Design, na Inglaterra (1975-1977). Em Birmingham, tem contato com a pinhole, os processos alternativos de produção e impressão de imagens e a fotografia híbrida e experimental.



Retornando ao Brasil, em 1978 encontra uma fotografia documental quase hegemônica, na qual destacam-se obras de enfrentamento à ditadura e fotografias com preocupações no sentido de buscar de uma identidade nacional. Por outro lado, nas artes visuais, a fotografia desenvolve-se em torno de um movimento denominado Foto Linguagem, que opera mais através de conceitos do que do aparato fotográfico em si.

Neste contexto, Regina desenvolve uma pesquisa singular, questionando e refletindo sobre a máquina fotográfica e sobre os meios de produção de uma imagem tecnológica. Realiza, ainda em 1978, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, a primeira oficina de pinhole do Brasil. As fotografias com câmera pinhole – ou “fotografia sem câmara”, como Regina denominava – se baseiam em um princípio da física descrito pela primeira vez por Aristóteles na Antiguidade. O princípio da câmera obscura é muito simples e é a base da formação da imagem na máquina fotográfica: se em uma caixa ou lata totalmente vedada à luz for feito um pequeno orifício, vemos na superfície oposta ao furo, a imagem do exterior invertida e de cabeça para baixo.

Ao ter contato com esta possibilidade de fotografar, Regina identifica este instrumento como o ideal tanto para a construção de sua fotografia poética, como um meio acessível para o ensino da fotografia no Brasil.



Elegendo a câmera de orifício como meio, a artista se afasta do momento decisivo bressoniano, no qual o olho do fotógrafo funciona como uma mira precisa, capaz de detectar a cena e capturá-la em um único ato. Na fotografia feita com câmeras pinhole, o orifício permanece aberto por um longo tempo, captando o fluxo do real. Trata-se de uma imagem construída por fotógrafo e fotografado, em que a lógica fotográfica do outro como objeto é desmanchada e subvertida.

Durante seus estudos na Europa, Regina se interessa pelos processos fotográficos históricos e pelas manipulações feitas em laboratório, sobretudo



Regina Alvarez e alunos.

aquelas usadas pelos dadaístas e surrealistas. Procedimentos estes muito semelhantes às técnicas da gravura.

Em 1981, realiza a exposição “Fotografia sem Câmara” na Galeria da Funarte. O catálogo desta exposição é a primeira publicação brasileira de fotografia realizada com câmera artesanal. Posteriormente, através da Funarte, realiza oficinas de fotografia por todo o Brasil, promovendo uma verdadeira catequese visual ao difundir seus conhecimentos. Podemos creditar ao trabalho de Regina a aproximação entre a fotografia pinhole e os projetos sociais de arte-educação.

Regina constrói robusta obra em fotografias, colagens e gravuras, conjuntamente à sua atuação como educadora. Explorando uma fotografia sensível e política, elabora delicado painel fotográfico sobre seu entorno e sua época: o feminismo, a maternidade e as transformações do corpo e da natureza se associam às transformações que realiza com as imagens, dialogando com a política, a reforma agrária, o carnaval, a ecologia. Retratos de uma geração que projetava uma sociedade alternativa. Arte e vida transitam harmoniosamente, ora pelas lentes, ora pelas não-lentes de Regina. É a parte visível de uma fotografia profundamente comprometida com a



Regina Alvarez e alunos.

prospecção de alternativas visuais e uma reflexão apurada sobre os meios técnicos de se produzir imagens.

Acometida pelo Mal de Alzheimer, produziu diversas colagens durante o longo período da doença. Morreu em 2007 no bairro de Santa Teresa, onde viveu e tanto retratou.

Na mostra *Regina Alvarez: experiência fotossensível* exibimos trabalhos produzidos ao longo dos seus 30 anos de carreira. O foco dessa exposição é a artista e seu embate com a máquina e com a tecnologia, tendo como resultado um trabalho de alta carga poética e de experimentalismo. A exposição é também a conclusão de um processo de resgate que envolveu recuperação, restauro e conservação das fotografias expostas.

Sem dúvida, um material amplo, surpreendente e complexo.

E esta, uma primeira e afetiva leitura.

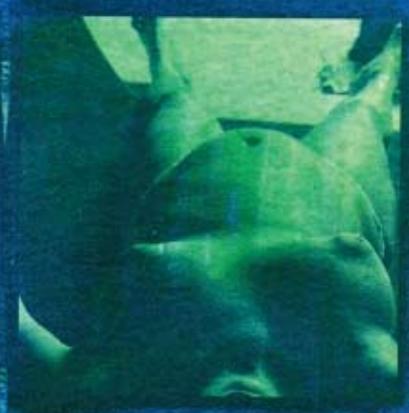
Denise Cathilina
Curadora

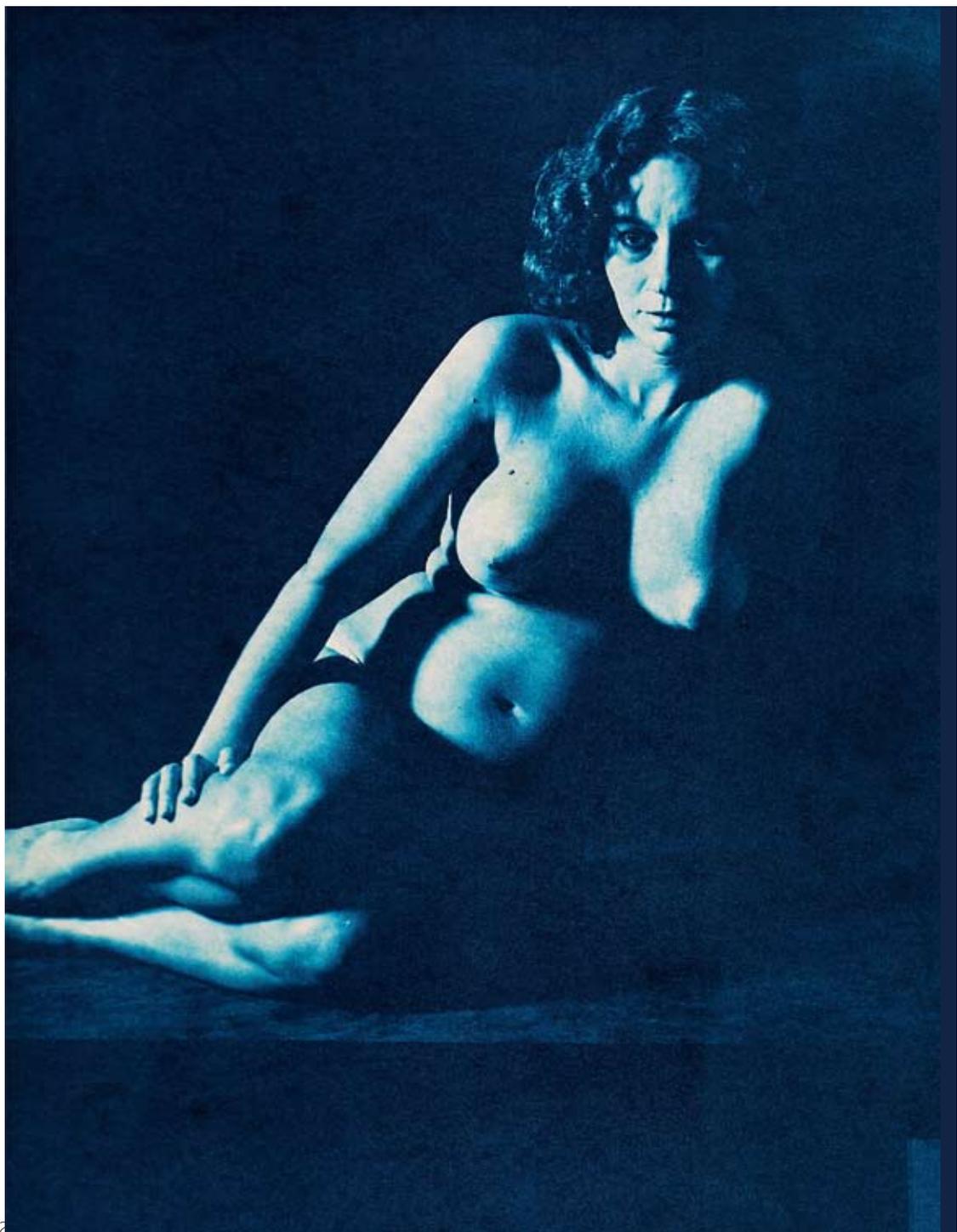
Foi aluna de Regina Alvarez, nos anos 1990, na EAV do Parque Lage e curadora de sua última exposição “Pelo buraco da Agulha”, em 2000, no Centro Cultural Laurinda Santos Lobo, Santa Teresa, Rio de Janeiro.



“(...) A fotografia desempenha um papel fundamental na sociedade, pois resgata valores, humaniza e conscientiza o indivíduo, não só como ser humano, mas também como agente transformador responsável que influi, modifica e atua na sociedade e no seu meio ambiente.”

(Regina Alvarez)

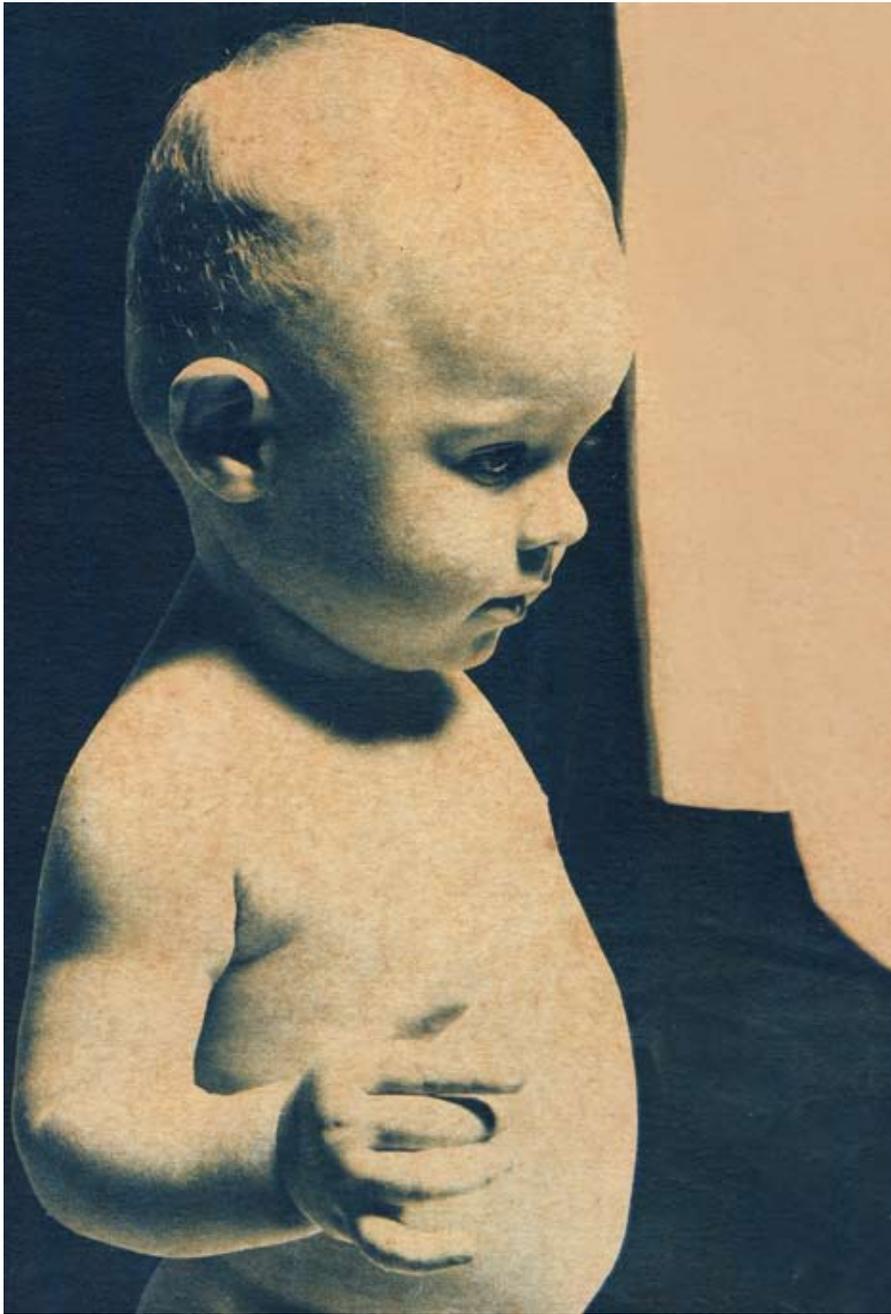




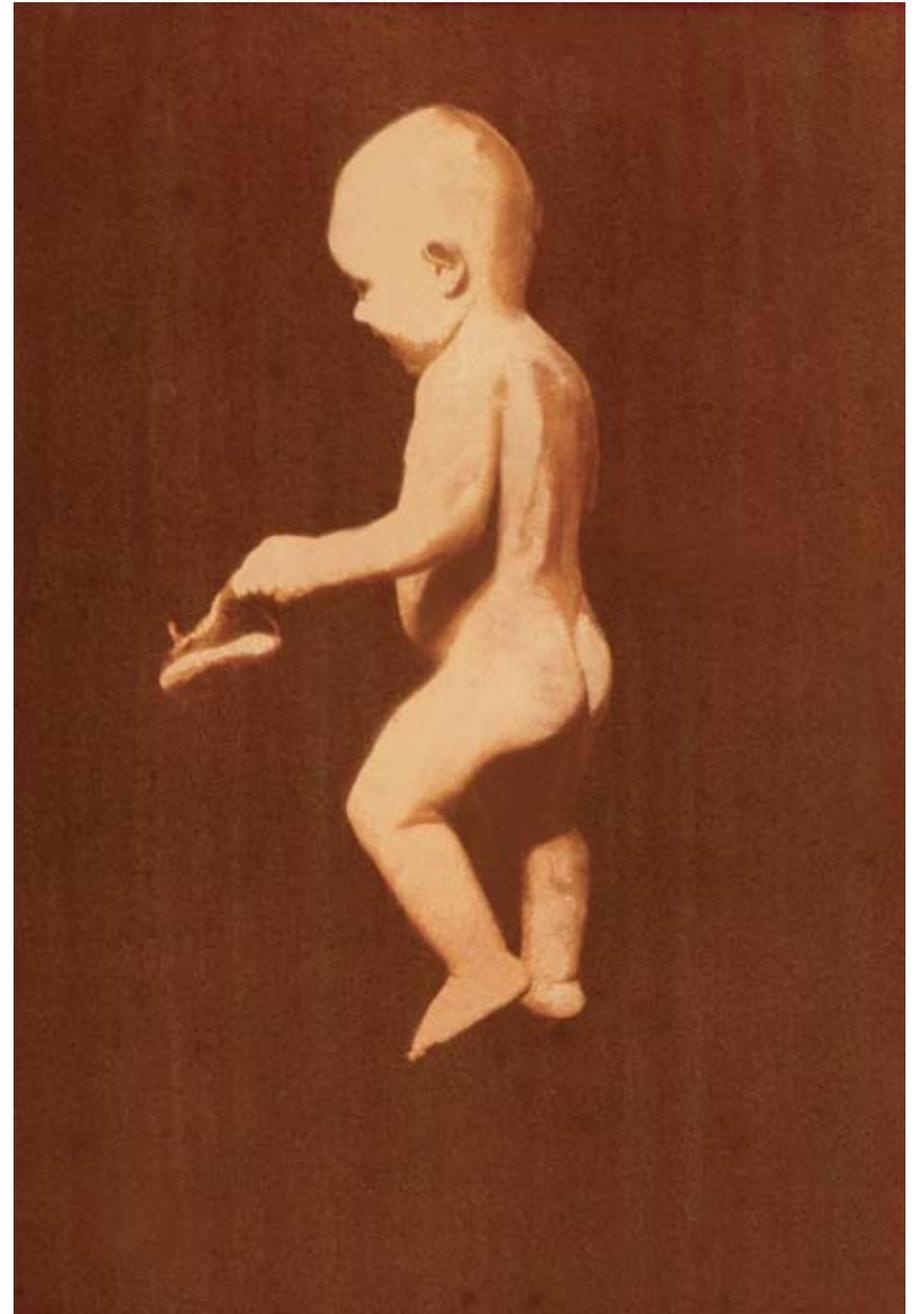
Página dupla anterior
Da série Transmutações: Maternidade
Fotografias em cianótipo e goma bicromatada
24 x 19,5 cm / 26 x 15 cm / 1988

Página ao lado
Da série Transmutações: Maternidade
Fotografia em cianótipo
21 x 16 cm / 1988

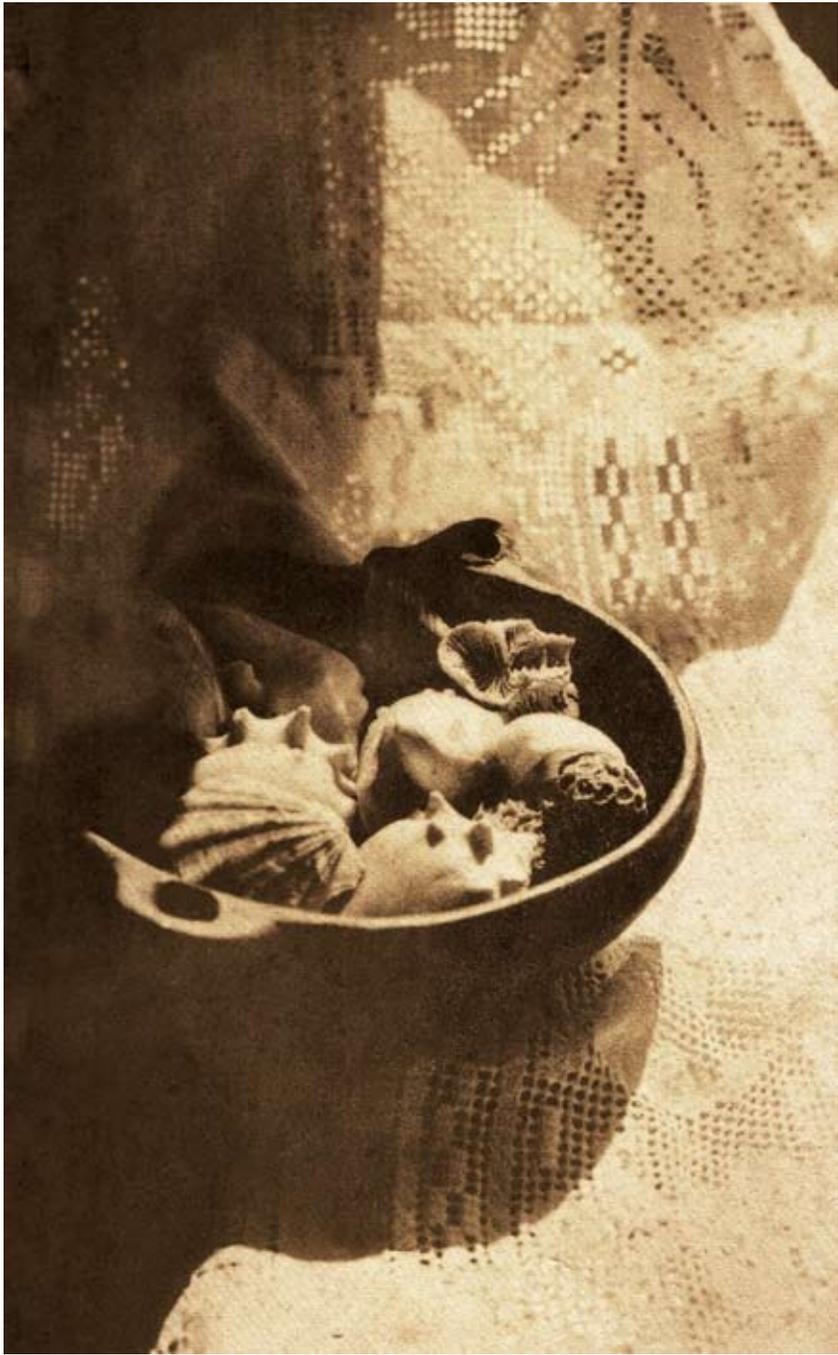
Da série Transmutações: Maternidade
Fotografias em cianótipo / Positivo e negativo
20 x 13 cm (cada) / 1988



Da série Transmutações: Maternidade
Fotografia em cianótipo e goma bicromatada
22,5 x 16 cm / 1988



Da série Transmutações: Maternidade
Fotografia em goma bicromatada
22,5 x 16 cm / 1988



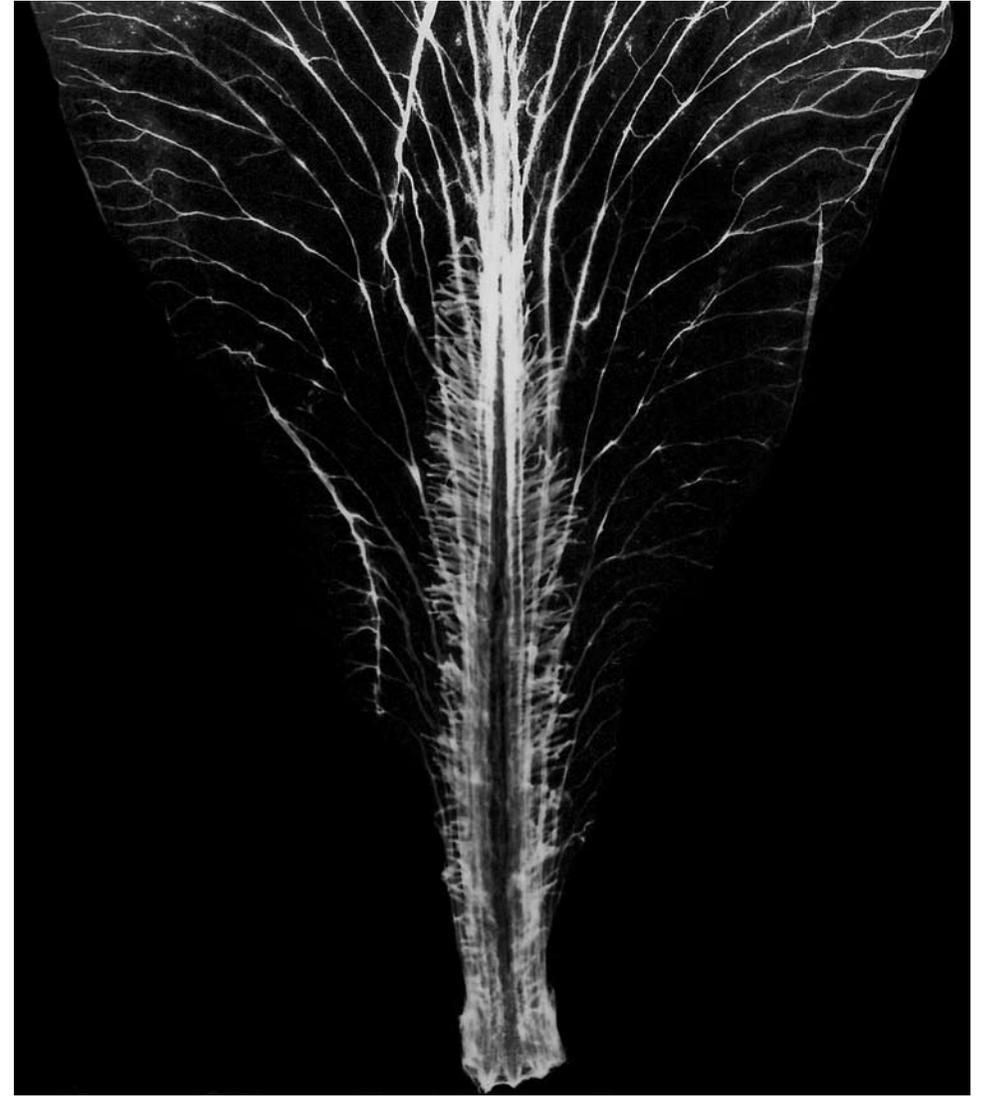
Sem título
Fotografias em Marrom Van Dyck
20 x 12,5 cm / 15,5 x 10 cm / 12,5 x 15,5 cm / Sem data

Regina exercita a fotografia na sua essência. Estende sua pesquisa estética pelos métodos de impressão fotográfica desenvolvidos no século XIX: cianotipia, goma bicromatada, Marrom Van Dyck. E investiga os procedimentos usados pelas vanguardas do século XX: fotogramas e solarização.

A goma bicromatada é uma emulsão fotográfica feita com goma arábica e dicromato de potássio, colorizado com tinta de aquarela ou outro pigmento. Já o Marrom Van Dyck e o cianótipo são emulsões a base de sais de ferro. No Marrom Van Dyck, o resultado final obtido é uma imagem em tons de marrom escuro; no cianótipo, a imagem é azul cian. Ambas são formulações fotográficas muito simples e reveladas apenas com a luz do sol. Uma copiagem artesanal que muito se assemelha à da gravura.

O fotograma foi procedimento bastante utilizado por Man Ray e László Moholy-Nagy nas décadas de 1920 e 1930. Pode-se dizer que é a maneira mais elementar de se produzir fotografias. O próprio objeto em contato com o papel fotossensível fica impresso como uma espécie de radiografia.

A solarização ou efeito Sabatier pode ser obtido se, durante o processo de revelação na sala escura do laboratório fotográfico, a imagem for rapidamente exposta à luz originando uma inversão dos tons, ou seja, transformando a imagem positiva em negativa, no seu todo ou em partes. Foi amplamente utilizada por Man Ray e atualmente é encontrada como filtro no programa de edição photoshop.





Sem título
Fotograma com viragem de anilina
19,5 x 15,5 cm / Sem data



Sem título
Fotograma com viragem de anilina
21 x 13,5 cm / Sem data

